

NUNES, Camila Matos Venesiano. A representação do tema "Amazônia, patrimônio da humanidade" em um editorial de jornal: uma abordagem sistêmico-funcional. Revista Intercâmbio, v.XLVII: 67-97, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

A REPRESENTAÇÃO DO TEMA "AMAZÔNIA, PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE" EM UM EDITORIAL DE JORNAL: UMA ABORDAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL

THE REPRESENTATION OF THE AMAZON THEME, HERITAGE OF HUMANITY IN A NEWSPAPER EDITORIAL: A SYSTEMIC-FUNCTIONAL APPROACH

Camila Matos Venesiano NUNES
(PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO / PUC-SP)
camilavenesiano@gmail.com

RESUMO: Este artigo examina, com base nos conceitos da Linguística Sistêmico-Funcional, como as representações ideológicas, que emergem na linguagem, por meio de escolhas lexicais e sintáticas e de seu encandeamento específico no discurso, inclusive, com uso de metáforas, operam, a despeito de fatos, na tentativa de convencimento e manipulação, de um leitor hipotético, no âmbito do tema da preservação da Amazônia, em editorial publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, em 24 de agosto de 2019. O estudo de tal texto, sujeito no contexto cultural, é resultante do modo de vida e, assim, da ideologia habitual (dos hábitos). Esta determina a cosmovisão, incluindo seus desdobramentos políticos, enfatizando, desse modo, o aspecto ideológico, no interior da função ideacional. Considera-se que qualquer aspecto da estrutura linguística carrega significação ideológica e que esta sustenta a representação.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; Editorial; Representação ideológica; Linguística Sistêmico-Funcional; Metáfora.

ABSTRACT: *Based on the concepts belonging to the Systemic-Functional Linguistics, this article aims to analyze how the ideological representations emerging from language, by means of lexical and syntactic choices, as well as its specific attachment process made via discourse (including the use of metaphors) operate, regardless the facts surrounding them, as to try and convince and manipulate the hypothetical reader, concerning the preservation of the Amazon forest, such as published in a Folha de S. Paulo newspaper editorial section on August 24th, 2019. Such a case study is considered to be a subject embedded within a cultural context, which is the outcome of a way of life and, thus, of the ideology of habits. This, on its turn, is a determiner of the cosmovision, including its political development, which emphasizes the ideological aspect of that process.*

NUNES, Camila Matos Venesiano. A representação do tema "Amazônia, patrimônio da humanidade" em um editorial de jornal: uma abordagem sistêmico-funcional. Revista Intercâmbio, v.XLVII: 67-97, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

One considers thus that any aspect of the linguistic structure embodies ideological meaning that supports and sustains representation.

KEYWORDS: Amazon; Editorial; Ideological representation; Systemic Functional Linguistics; Metaphor.

0. Introdução

O artigo em pauta é do gênero editorial de jornal. O problema consiste em se determinar como os processos de representação ideológica de um tema, aparentemente, apenas, ecológico – a preservação da Amazônia –, tem alcance muito mais amplo, espalhando-se para a economia, para as políticas de relações exteriores e para a geopolítica global. Desse modo, investigam-se as relações entre escolhas léxico-gramaticais e seu encadeamento no interior de sequências, na microestrutura do texto, buscando-se as ideologias a elas subjacentes na macroestrutura do discurso, resultante da visão de mundo. O eixo da análise tem por pano de fundo a questão de se a Amazônia é ou não patrimônio da humanidade e como se tenta persuadir a opinião pública (audiência), afirmativamente, privilegiando-se determinadas escolhas discursivas. Ainda que se compreenda sua importância, as teses de M. M. Bakhtin não são, neste trabalho, o referencial teórico, mas sim aquelas oriundas do neopositivismo linguístico que têm por referência principal a oração e não o enunciado, como é o caso da Linguística Sistêmico-Funcional.

O conceito de consciência da audiência, do lado do escritor, será considerado, conforme Lee (2008), mas levando-se em conta pesquisadores que tratam da escrita acadêmica e que se dedicam ao estudo do mesmo conceito (KIRSCH; ROEN, 1990; BURGESS, 2002; SWALES; FEAK, 1994; CASANAVE, 2004; PALTRIDGE 2004, apud LEE, 2008). São teorias extensíveis ao estudo de tal editorial e da estratégia escolhida pelo editorialista.

Para Lee, a consciência da audiência apoia-se na dimensão interpessoal, entendida como a relação entre (a) um componente interativo (estrutura esquemática do gênero editorial); (b) um componente interacional (modalidade, ou seja, a realização de comandos); e (c) um componente interpessoal (avaliação), considerada com ênfase na análise do editorial, objeto deste artigo.

Com referência ao item (a), relacionado ao componente interativo, examino a estrutura esquemática do gênero editorial, seu passo a passo, seguindo a definição de Martin (1984: 25) de gênero, como sendo "uma atividade, organizada em etapas, orientadas para uma *finalidade*, na qual os falantes se envolvem como membros de uma determinada cultura". A definição de Martin pode ser complementada pela proposta de Vestergaard (2000), para quem o gênero motiva e formata socialmente o discurso e a participação discursiva de fora, enquanto a língua, na qual

um discurso ocorre, restringe e capacita a expressão de dentro. Para Vestergaard, as distinções de gênero ocorrem na intersecção da meta comunicativa, com o "contexto situacional imediato", o registro (HALLIDAY, 1994). No âmbito do editorial em análise, trata-se da questão de como uma situação de crise, gerada por agressões à natureza, se desdobra geopoliticamente, num contexto situacional imediato, enquanto um determinado editorialista constrói um texto, buscando acomodações, escolhendo fatos e escolhendo palavras e orações, em determinado encadeamento, com lógica e apesar da lógica, com base num amplo leque de representações.

A modalidade, segundo Halliday (1994), inclui-se na gramática de qualquer língua, como um componente que serve para realizar as funções sociais, expressivas e conativas da língua, para expressar o ângulo de visão do falante. Sobre a avaliação, afirma Hunston (1993) que esse conceito pode ser definido como qualquer coisa que indique a atitude do escritor em relação ao valor de uma entidade no texto. O sistema de valores constitui um aspecto importante da ideologia e, segundo a autora, pode ser descrito, linguisticamente, em termos da avaliação presente nos textos. A avaliação tem sido estudada pela Linguística Sistêmico-Funcional, por meio do sistema de avaliatividade. Notou-se que, no caso do editorial em análise, teria importante papel a concepção do que seja ciência, em todos os momentos em que o editorialista tenta avaliar e julgar qualquer aspecto relacionado à fundamentação de argumentos.

No exame do texto, por meio do conceito de persuasão, considero as funções interativa, interacional e interpessoal, de acordo com a Linguística Crítica (FOWLER, 1991) e com o apoio da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), já que as representações presentes, nesse editorial, são construídas por escolhas específicas no micronível das orações, refletindo a atribuição de ideologias específicas no macronível subjacente (LI, 2010), regidas pelas metáforas (LAKOFF, 1987, 1993; JOHNSON, 1992). No âmbito do micronível das orações, constatou-se que o editorialista alterna seguidamente tipos de núcleos de sujeitos de orações, com regularidade, na medida em que busca acomodação política interna, cuja percepção apoiou-se, particularmente, nas teses da Linguística Crítica.

O problema consiste, portanto, em tentar detectar: (a) como o gênero editorial pode apresentar a argumentação em suas etapas e finalidades; (b) que papel exercem a modalidade e a avaliatividade na persuasão, a partir da cosmovisão do editorialista; (c) que papel exercem escolhas léxico-gramaticais e, inclusive, metafóricas nesse processo.

1. ESPECTRO DE TEORIAS QUE FUNDAMENTAM A ANÁLISE DO EDITORIAL NOS MARCOS DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Primeiramente, é necessário delinear-se, ainda que em termos gerais, que linha e que método embasam a análise do editorial, objeto deste artigo. Assim, define-se como Linguística Sistêmico-Funcional o conjunto de estudos baseados na Gramática Sistêmico Funcional (GSF) proposta por M. A. K. Halliday (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). A linguagem seria resultante de um intrincado sistema de interação em contextos dados.

Segundo Cristiane Fuzer, "A Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) é uma teoria que tem por objetivo, conforme Halliday, McIntosh e Strevens (1964), oferecer uma descrição científica da natureza e função da linguagem, a fim de compreender "como a linguagem funciona na vida social" (Hasan 2009:166). Não raras vezes, há quem diga que a LSF é muito complicada devido ao seu aparato altamente descritivo. Halliday (2009) tem uma explicação para isso: "É complicada – porque a linguagem é complicada, e não há nenhum motivo em fingir que ela seja simples. O problema é reconhecer quais aspectos da teoria são relevantes para determinada tarefa; isso, de fato, implica ter algum conhecimento do todo." (FUZER, 2018). No caso da busca da compreensão de textos de cunho dissertativo-argumentativo, como é o caso de editoriais, a dificuldade é maior, porque lida com conceituação no plano de teses, que é o que alguém defende como a verdade.

Para Eggins, a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) parte do princípio de que o uso da língua é funcional, de que sua função é construir significados, de que os significados são influenciados pelo contexto social e cultural, onde são intercambiados, e de que o processo de uso da língua é um processo semiótico de fazer significado por meio de escolhas (EGGINS, 2004: 3). É por essas razões que a LSF é descrita como uma teoria que procura entender como as pessoas usam a língua em diferentes contextos sociais, para fazer sentido do mundo e de cada um (EGGINS, 2004: 20).

O aspecto da escolha, ao escrever-se ou falar-se, adquire significado contra um fundo, onde se encontram as possibilidades, entre as quais uma se transforma em realidade. De outro modo, escolhas que poderiam ter sido feitas, mas que não o foram. Para a análise do discurso, sua importância é evidente. *Sendo a LSF uma teoria de caráter sócio semiótico da linguagem, de linha funcionalista e, portanto, neopositivista, que parte de múltiplas interações cotidianas, a questão das escolhas pelos usuários ganha relevância. Disso decorre o desenvolvimento da teoria do sentido, como escolha, que estuda o papel das redes interconectadas, em que o contexto situado compõe um sistema semiótico de que a linguagem é parte. De outro modo, a linguagem é parte de um contexto cultural que reflete determinada base econômica e social, oceano de onde emergem os*

aspectos superestruturais, denominados de "culturais". Tais aspectos, por sua vez, emergem do modo de vida que determina a ideologia, entendida *latu sensu*.

A unidade básica de análise linguística na abordagem do funcionalismo, uma linha do campo do neopositivismo, é a oração gramatical (Halliday, 1994; Halliday e Matthiessen, 2014; Thompson, 2014), cuja composição influencia aspectos contextuais, da mesma forma que elementos gramaticais influenciam o contexto social numa via de mão dupla. Evidentemente, tal tese está em total linha de colisão com M. M. Bakhtin que diz que essa unidade é o enunciado (Bakhtin, 2003). Conforme afirma Halliday (1989: 47), "a relação entre texto e contexto é uma relação dialética: o texto cria o contexto tanto quanto o contexto cria o texto. O 'sentido' emerge da fricção entre ambos. O conhecimento desse contexto permite aos usuários realizarem algumas previsões, auxilia-os a criar uma expectativa a respeito do porvir durante uma interação mediada pela fala ou escrita. Nas palavras do autor, "quando alguém está lendo ou escutando com objetivo de aprender, a habilidade de predizer ganha importância particular. Assim, sem essa habilidade, o processo como um todo se desacelera" (Halliday, 1989: 46). No caso do editorial em estudo, o grau de compreensão de seu conteúdo depende exatamente do grau de conhecimento de geopolítica e da habilidade em decodificação do discurso por parte do leitor. Isso implica múltiplas leituras e os mais variados graus de persuasão ou de oposição ao texto.

Num contexto de severas críticas aos linguistas e gramáticos tradicionais, como o são os de linha neopositivista, como é o caso do grupo que defende a Linguística Sistêmico-Funcional que misturam sintaxe e estilística por não diferenciarem oração de enunciado, M. M. Bakhtin (2003), declara que o enunciado tem a particularidade da alternância de sujeitos falantes, tornando-se uma massa compacta rigorosamente circunscrita em relação aos outros enunciados vinculados a ele. É seguido de pausa real e não gramatical e instaura uma atitude responsiva. A oração, como unidade da língua, não é delimitada em suas extremidades pela alternância dos sujeitos falantes. Também, não está em contato imediato com a realidade (com a situação trans verbal) e com os enunciados do outro. A oração não tem significação plena nem capacidade de provocar atitude responsiva do outro locutor. Portanto, tem natureza gramatical e fronteiras presas à gramática, só alcançando propriedades estilísticas no interior do todo do enunciado e do ponto de vista desse todo. A oração existe no contexto do discurso de um único e mesmo sujeito falante (locutor), sendo sua relação com o contexto trans verbal da realidade (situação, circunstâncias, pré-história) e enunciados de outros locutores não-pessoal, não-direto, lidando com uma padronização máxima do enunciado, mas quando a criatividade necessária é mínima. O tratamento será relativo em esferas que se caracterizam por elevado grau de criatividade. Por consequência, não se pode mesclar Bakhtin com Halliday, como se fossem complementares. Não o são.

Halliday considera que a oração (ou figura) exerce um papel central na linguagem, porque corporifica o princípio geral da construção da experiência – o princípio de que a realidade é feita de entidades, circunstâncias e processos. Figura é o conjunto de elementos (processos, participantes e circunstâncias), que formam uma mesma oração. O sistema gramatical, pelo qual uma figura é construída, chama-se transitividade (HALLIDAY, 1994). A língua possui um nível intermediário de codificação – a léxico-gramática – que lhe possibilita construir significados concomitantes, que entram no texto por meio das orações, mediante escolhas feitas no sistema linguístico, razão por que Halliday (1994) afirma que a descrição gramatical é essencial à análise textual.

O sistema de transitividade configura os eventos, como orações relacionadas aos tipos de processos, os quais se diferenciam de domínios da experiência (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Sequência é um conjunto de figuras (orações), logicamente articuladas, em expansão ou em projeção, formando um complexo oracional. Elementos são os itens léxico-gramaticais que estruturam as orações, isto é, processos, participantes, circunstâncias, qualidades. Os participantes do processo são as entidades envolvidas – pessoas ou coisas, seres animados ou inanimados. As circunstâncias referem-se às noções de tempo, modo, causa e lugar, dentre outros. A visão tríplice dos componentes da oração repousa, na verdade, na distinção gramatical das classes de palavras em verbos, nomes e advérbios.

Os processos, na perspectiva sistêmico-funcional, são usados com dois significados principais, um para se referir ao que está acontecendo no todo da oração e outro para se referir à parte da proposição encapsulada no sintagma verbal. Podem ser categorizados em três grandes grupos: material, mental e relacional. Além desses, o verbal, o comportamental e o existencial, intermediários, também, podem ocorrer. Em gramática funcional, cada tipo de processo envolve diferentes tipos de participantes. Os processos materiais, ou processos de "fazer", envolvem uma gama de ações e de acontecimentos do mundo real – a experiência externa do participante. Por serem concretos, referem-se ao mundo físico, perceptível aos sentidos humanos, podendo movimentar-se no espaço. Podem ser criativos, quando o participante é trazido à existência, ou transformativos, quando o processo provoca mudança no participante já existente. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 195).

Segundo a LSF, o sistema de humor (*mood*) é definido como "escolhas entre diferentes papéis que um falante pode selecionar para ele mesmo e para seu ouvinte", segundo Berry (1999). Isso estabelece que o falante que começa a conversação pode pensar com antecedência que papel (ele/ela) assumirá durante o processo de comunicação. Assim, as escolhas de humor só podem ser selecionadas em intercâmbios linguísticos. O sistema de humor pode ser dividido em duas escolhas a serem feitas: comunicando no modo indicativo ou no modo imperativo. Matthiessen e Halliday (2004) afirmam que "a escolha no sistema de

NUNES, Camila Matos Venesiano. A representação do tema "Amazônia, patrimônio da humanidade" em um editorial de jornal: uma abordagem sistêmico-funcional. Revista Intercâmbio, v.XLVII: 67-97, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

humor, entre "indicativo" ou "imperativo", é realizada estruturalmente: Apenas as cláusulas indicativas têm normalmente um sujeito" (p. 5).

A Avaliatividade, conceito oriundo de appraisal, em sua forma original, se subdivide em três campos de interação: atitude, engajamento e gradação. Cada campo é considerado por Martin (1984); White, (2003), como uma região de significados. A atitude se refere a nossos sentimentos, incluindo reações emocionais, julgamento aos comportamentos e avaliação material ou de eventos/situações, engajamento à origem das atitudes e das vozes em relação às opiniões no discurso. De outro modo, o engajamento diz respeito a recursos, tais como projeção, modalidade, polaridade e vários advérbios que posicionam o falante/autor em relação à posição de valor a ser defendida e seus desdobramentos. Com a gradação, procura-se situar os fenômenos de acordo com a intensidade com que ocorrem. Segundo Martin e White (2005, p. 37): 89 a gradação preocupa-se com a gradabilidade. Para a atitude, já que os recursos são inerentemente graduáveis, a gradação consiste em ajustar o grau de uma avaliação, conforme o quão forte ou fraco o sentimento é. Este tipo de gradação recebe o nome de 'força'. Suas realizações incluem intensificação, morfologia comparativa e superlativa, repetição e vários aspectos grafológicos e fonológicos, estabelecendo as relações entre papéis de falante e ouvinte, por meio de verbos modais ou adjuntos modais, além do tempo primário e da modalidade. As expressões de significado avaliativo, que pode ser explícito ou implícito, acumulam-se dinamicamente através do texto pelo fenômeno da prosódia (LEMKE, 1998), constituindo metarrelações de caráter semântico entre trechos do texto (MACKEN-HORARIK, 2003).

Nesse contexto, Hunston (1993) estabelece uma relação entre a ideologia presente nos textos e a avaliação. O texto é escrito para ser entendido no contexto de uma determinada ideologia, envolvendo necessariamente um sistema de valores, que pode ser descrito linguisticamente em termos da avaliação presente nos textos. A avaliação, segundo a autora, pode ser definida como qualquer elemento que indique a atitude do escritor em relação ao valor de uma entidade no texto, o que é de grande importância para a análise do artigo em pauta, visto tratar-se de posições divergentes dentro da classe dominante, quanto à preservação ou não da natureza.

Considerar a inter-relação entre língua e contexto é de importância fundamental, dada a relação social estreita entre gênero (contexto cultural) e registro (contexto situacional), permeado pelo contexto ideológico, ainda que se possa ter reservas em relação à tese de que o "sentido" emerge, simplesmente, da fricção entre texto e contexto, sem considerar qual é o decisivo. Segundo a cosmovisão de M. M. Bakhtin, o texto é reflexo do contexto, tal como a consciência dos interlocutores. Não há como ser diferente, pelo materialista dialético, até porque se valoriza o contexto social que, por sua vez, decorre do contexto econômico, por fim, assentado sobre determinada base natural. Mas inclinar-se nessa direção

NUNES, Camila Matos Venesiano. A representação do tema "Amazônia, patrimônio da humanidade" em um editorial de jornal: uma abordagem sistêmico-funcional. Revista Intercâmbio, v.XLVII: 67-97, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

já implicaria assumir posição totalmente contrária ao neopositivismo e qualquer de suas variantes, assim como às demais correntes do pensamento metafísico-idealista, seja hegeliano ou não.

Considere-se que as teses de M. M. Bakhtin (2003: 261), quanto ao conceito de gênero, primeiramente, afirma que "Todos os campos da comunicação humana se relacionam com a utilização da língua" e que "cada campo elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, denominados *gêneros do discurso*". Bakhtin dizia que:

Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam.

A unidade real da comunicação verbal, para M. M. Bakhtin, é o enunciado. Este reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Portanto, para Bakhtin, a unidade de comunicação não é a oração. Não é nela que se realizam os processos de comunicação, mas no enunciado que é individual e pessoal, diferentemente da oração. Também, observe-se que se utiliza da Teoria do Reflexo, ausente em qualquer análise de linha metafísico-idealista.

O método de análise, utilizado por M. M. Bakhtin, fundado na Filosofia materialista dialética e histórica, tem como base a historicidade de todos os processos que ocorrem no Universo. E pressupõe o movimento tendencialmente ascensional de tudo que existe, seja no plano da natureza ou da sociedade e, nesta, da infraestrutura e da superestrutura, enquanto reflexo da base material. Não haveria como separar nenhuma das partes. Entretanto, seria possível tentar criar planos estanques, no que os neopositivistas se especializaram, ou pautar a análise pela oração que é impessoal, e não no enunciado, a despeito das consequências.

Sendo a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) parte do neopositivismo e estando alinhada ao funcionalismo, hiperboliza a função. Martin (1992: 25), seguindo a orientação funcionalista oferece uma definição de gênero diferente daquela de Bakhtin, pressupondo que tal medida metodológica permitiria sua operacionalização analítica, sem notar que a palavra "analítica" significa comparação. Sendo a tese de Bakhtin, fundada na historicidade, não há como não ser comparativa. E mais, pressupõe a existência de sistemas socioeconômicos diferentes e em sucessão, o que, por si só, já implica diferenças qualitativas objetivas. Enquanto isso, Martin diz que "gênero é uma atividade estruturada em *etapas*, orientada para uma *finalidade*, na qual os falantes se envolvem

como membros de uma determinada cultura", sem acrescentar qualquer argumento essencial à tese de Bakhtin, porque cada sociedade ou mesmo estrato ou grupo social tem sua cultura, construída historicamente sobre determinada base econômica.

Assim, o artigo em pauta somente existe a partir de dada base econômica, no contexto global, e é resultado do entrelaçamento de culturas dominantes e dominadas, devendo ser analisado nesses termos. Mas esse caminho levaria a resultado oposto ao escolhido para a presente análise. Assim, ficando na linha de argumentação de Halliday e de seus seguidores, o texto em pauta foi construído em etapas ou seções, cada uma com determinada finalidade, dando ao conjunto um fim maior. Os gêneros que abrigam a argumentação apresentam, em termos gerais, a estrutura problema-solução (HOEY, 1994; PORTA, 2002), composta por (a) situação; (b) problema; (c) hipótese de solução (ou de pontos de vista sobre a questão); (d) argumentos em prol da hipótese; e (e) tese.

Para Halliday, função diz respeito ao papel que a linguagem exerce na negociação de significados dentro do sistema linguístico. Ele categoriza os fenômenos da linguagem em três metafunções que dialogam entre si: Ideacional, Interpessoal e textual. O estudo da metafunção ideacional pode esclarecer como a realidade é representada ideologicamente. Essa representação é perceptível por meio de processos que denotam atitudes, valores, comportamentos, experiências etc. Por meio da metafunção interpessoal, pode-se compreender as interações entre emissor e receptor da mensagem e verificar como ocorrem as trocas linguísticas e as relações de poder envolvidas nestas. A metafunção textual está relacionada à mensagem e à troca de informações dentro do enunciado ou entre o enunciado e a situação.

Complementarmente, com THOMPSON (2004, p.86-87), pode-se acrescentar que a metafunção ideacional é utilizada, quando falamos sobre o mundo, tanto externo (acontecimentos, eventos, qualidades), quanto interno (sentimentos, pensamentos, emoções, crenças etc.). O contexto ideológico ocupa um nível superior de contexto, referindo-se a posições de poder, a vieses políticos e a suposições sobre valores, tendências e perspectivas que os interlocutores trazem para seus textos, pois em qualquer registro, em qualquer gênero, o uso da língua será sempre influenciado por uma posição ideológica.

Por outro lado, o conceito de metafunção textual serve, para organizar os significados ideacionais e interpessoais de uma oração, trabalhando os significados advindos da ordem das palavras na oração. Segundo Matthiessen (1995), a metafunção textual constrói os significados ideacionais e interpessoais, a fim de que a informação possa ser compartilhada pelo falante e seu interlocutor, proporcionando os recursos para guiar a permuta dos significados no texto. Pode-se falar em "guia", do ponto de vista do ouvinte (que é 'projetado' pelo falante nas suas escolhas textuais). Assim, as condições textuais, tais como

tematicidade, novidade, continuidade, contraste e recuperabilidade são designadas por sistemas textuais.

Conforme Abreu (2000), persuadir é saber gerenciar uma relação, atingindo a emoção do outro. Trata-se de construir algo no campo das ideias: quando convencemos alguém, esse alguém passa a pensar como nós e a realizar algo que desejamos que ele realize. Para Kitis e Milapides (1997), a persuasão envolve: (a) *convicção* [por meio de evidências] e (b) *sedução* [por meio do apelo à emoção]. Enquanto o ato de convencer se dirige à razão, tecendo um raciocínio estritamente lógico e por meio de provas objetivas, sendo, assim, capaz de atingir um auditório universal, a sedução, por sua vez, procura atingir a vontade, o sentimento dos interlocutores por meio de argumentos plausíveis ou verossímeis, de caráter ideológico, subjetivo, temporal, dirigindo-se, pois, a um auditório particular. O primeiro conduz a certezas, ao passo que a segunda leva a inferências que podem direcionar esse auditório à adesão aos argumentos apresentados. Nos estudos de Hunston (1993) tenta-se demonstrar como funcionam tais mecanismos em abstracts.

Outro aspecto de tal problemática surge, quando se destaca a importância da metáfora para a cognição humana, e que tem sido estudada por filósofos e linguistas desde Vico (1948), Weinrich (1958) a Blumenberg (2001). Além disso, a Teoria Cognitiva da Metáfora, formulada como uma teoria da cognição, garante a ela um lugar central. De acordo com Johnson (1987) e Lakoff (1987), a metáfora é de importância crucial para a imaginação humana, porque os seres humanos somente podem atribuir sentido imediato, ao que eles experienciam. A noção de experiência é ampla, incorporando a experiência social e até mesmo a experiência histórica de uma comunidade (LAKOFF, 1987).

Um estudo relevante, e que comprova a importância da análise da metáfora para a análise crítica do discurso, é o de Semino (2002). Ela apresenta uma análise das metáforas usadas em relação ao euro, numa seleção de jornais britânicos e italianos. Essa análise mostra que há diferenças importantes no modo, pelo qual padrões compartilhados são realizados em cada língua, e é possível identificar muitas metáforas que são específicas, apenas, aos dados italianos ou aos dados ingleses. Os dados, também, sugerem que novas expressões metafóricas tendem a ser usadas retoricamente em ambas as línguas, para dar suporte a visões particulares da união monetária.

Os problemas apontados sugerem a necessidade de outros estudos, principalmente, os que possam esclarecer o processo interacional existente entre metáforas e metonímias, subsidiando as relações autor-leitor. Essas mesmas questões, se observadas do ponto de vista da Linguística Crítica, podem fornecer a compreensão dos significados ideológicos subjacentes aos elementos estruturais que concorrem para a formulação, circulação e frequência de usos metafóricos.

A distinção entre as noções de metáfora e de expressões metafóricas é embasada em Charteris-Black (2004), mencionando o

NUNES, Camila Matos Venesiano. A representação do tema "Amazônia, patrimônio da humanidade" em um editorial de jornal: uma abordagem sistêmico-funcional. Revista Intercâmbio, v.XLVII: 67-97, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

trabalho clássico *Metaphors We Live By*, de Lakoff e Johnson (1980), e modificado mais tarde (LAKOFF, 1987, 1993; JOHNSON, 1987apud CHARTERIS-BLACK, 2004). A proposta básica dessa abordagem consiste na concepção de que as expressões metafóricas são sistematicamente motivadas por metáforas subjacentes (ou conceptuais), ou seja, uma única ideia explicaria várias expressões metafóricas. Uma *metáfora conceptual* tem a forma A é B (por exemplo, A VIDA É UMA VIAGEM). Muitas *expressões metafóricas* ou veículos (como estar numa encruzilhada, extraviar-se do caminho), onde o domínio da experiência (vida) é, sistematicamente, conceptualizado em termos de outro (viagens), apresentam essa estrutura.

É importante salientar o fato de que, em oposição à visão tradicionalista, segundo a qual metáfora seria apenas uma característica da língua, aceita-se, hoje, a teoria da metáfora conceptual, pela qual esta permearia não somente a língua, mas também o pensamento. Assim, em geral, um domínio cognitivo (geralmente abstrato) é entendido em termos de outro (geralmente concreto). Porém, considera-se a proposta de atribuir um papel mais fundamental à cultura, porque as metáforas, longe de constituir o entendimento, são geralmente selecionadas, para ajustar-se a um modelo preexistente e culturalmente compartilhado (QUINN, 1991). Esse fato pode explicar a razão do uso da metáfora para fins persuasivos: ela se apoia em conhecimento compartilhado por uma comunidade que, pelo seu uso e frequência, acabam por se constituir nos *frames* utilizados pelos falantes na sua interação com o discurso.

De acordo com Minghelli (2012), as palavras contêm um significado enciclopédico, cujo conhecimento advém da experiência e da cultura, o qual é representado conceptualmente e armazenado na memória a longo prazo. Isso implicaria que palavras e construções gramaticais são relacionadas a frames de modo que o significado associado a uma palavra ou uma construção gramatical não seria entendido independentemente do frame, ao qual está relacionado. Segundo Fillmore (1982), trata-se de um sistema de conceitos relacionados de tal modo que, para entender qualquer um deles, é preciso entender toda estrutura na qual se enquadram. Desse modo, frames são esquematizações de estruturas conceptuais, de crenças, de práticas institucionais que emergem da experiência do dia a dia. Pode ser a representação de uma situação, de um objeto ou de evento, parte de um background (pano de fundo), onde se incluem, também, as metáforas.

Kitis e Milapides (1997) falam em *crypto-argumentação* – ou *argumentação secreta* – aquela que subjaz a um texto narrativo e descritivo, por meio de construção de metáforas e outros recursos utilizados, para, implicitamente, persuadir o leitor. Nesse sentido, Latour e Woolgar (1979: 240) afirmam que "o resultado de uma persuasão retórica é que os participantes devem ser convencidos de que não foram convencidos". Segue-se que a persuasão tenderia a ser altamente implícita, evitando a linguagem atitudinal, normalmente associada ao

NUNES, Camila Matos Venesiano. A representação do tema "Amazônia, patrimônio da humanidade" em um editorial de jornal: uma abordagem sistêmico-funcional. Revista Intercâmbio, v.XLVII: 67-97, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

significado interpessoal, dependendo em grande parte, por exemplo, do sistema de valores partilhados (HALLIDAY, 1985). Dessa maneira, Martin (2003: 173) alerta para o fato de que "o apego a categorias explícitas significa perder uma grande porção do significado atitudinal implicada pelos textos". Esse tipo de persuasão, que acontece cumulativamente, conforme o texto, que se desenrola, pode ser extremamente eficaz em certos contextos.

Nesse sentido, também, Hunston (1993: 193) defende que a persuasão alcançada, ocorre de modo implícito.

Para ser convincente, a persuasão deve parecer ser uma reportagem. Segue-se que a avaliação, através da qual a persuasão é realizada, deve ser altamente implícita e, assim, evitará a linguagem atitudinal normalmente associada ao significado interpessoal.

A persuasão, na escrita de textos argumentativos, exige que seu produtor vá ao encontro das expectativas da audiência em termos não só da apresentação, mas também da troca de informação, interagindo com a audiência, por meio de escolhas léxico-gramaticais cuidadosas, simultaneamente à exposição do conteúdo da mensagem. Dessa maneira, parte do que torna coerente uma escrita está fora do texto, nos processos interpretativos dos leitores. A dimensão interpessoal em textos bem escritos pode, assim, ser vista como a relação entre as funções interativa e interacional (LEE, 2008). A finalidade dessa relação é a ajuda ao leitor, para negociar o texto mais facilmente, e ao escritor, para melhor expressar sua mensagem.

2. METODOLOGIA

O método de análise, aplicado ao artigo, tem por base aquele desenvolvido pela Linguística Sistêmico-Funcional. O aspecto principal considerado se circunscreve à função ideacional, com destaque para o âmbito ideológico, até em razão do caráter do gênero editorial.

Foram analisadas as escolhas lexicais e sintáticas e seu encandeamento (sequência) e, também, como foram utilizadas metáforas. Tal conjunto de ações deverá demonstrar, sem querer esgotar o assunto, como, a despeito de fatos, ocorre a tentativa de convencimento e manipulação de um leitor hipotético, no âmbito do tema da preservação da Amazônia, em editorial publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, em 24 de agosto de 2019.

O estudo de tal texto ocorre num contexto geopolítico de agravamento da crise ambiental e climática, num ambiente de crescente crise econômica global e aumento das contradições sistêmicas. O jornal, com seu editorialista, é um dos entes que participa das confrontações, neste caso individual, buscando acomodações que não serão tratadas aqui, mas apenas indicadas.

NUNES, Camila Matos Venesiano. A representação do tema "Amazônia, patrimônio da humanidade" em um editorial de jornal: uma abordagem sistêmico-funcional. Revista Intercâmbio, v.XLVII: 67-97, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Não será aplicado o método de análise, nos termos desenvolvidos por M. M. Bakhtin (2003), de base materialista dialética que tem o enunciado como conceito central, mas sim aquele nos termos de Hallyday (1994), de base neopositivista-funcionalista que tem a oração como conceito principal. Portanto, não serão feitas miscelâneas metodológicas, envolvendo-as, porque não são complementares, mas opostas, a partir de seus fundamentos.

2.1 Dados

O texto selecionado para este estudo, o editorial, intitulado "Abaixar o fogo: bravatas de Bolsonaro só agravam a crise gerada pela elevação do desmatamento", foi publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, no dia 24 de agosto de 2019. Sua escolha deveu-se ao fato de ser altamente representativo do gênero editorial. Decidiu-se analisar somente um texto, para se evitar dispersão e obter melhor resultado qualitativo.

2.2 Procedimentos de Análise

O planejamento deste estudo pretende contemplar respostas às seguintes questões: (a) o texto em análise, de fato, apresenta a argumentação em etapas e finalidades, como prescreve a teoria funcionalista? (b) que papéis exercem a modalidade e a avaliatividade na persuasão que percorre este editorial? (c) qual a participação das metáforas nesse processo?

A análise avança trecho a trecho, em sequência, e, quando é o caso, destacam-se as retomadas e os reforços, até porque o objetivo do editorialista é, aparentemente, o convencimento. De fato, sua intenção final é levar o leitor à desmobilização por meio da diluição conceitual, o que é demonstrado passo a passo.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise do editorial segue por trecho, conforme o seguinte padrão: à esquerda, o texto dividido em etapas com as expressões metafóricas em itálico e, à direita, as etapas e finalidades. Abaixo, a discussão.

Gênero e Modos Textuais	Estágios e Finalidades
(1) <i>Abaixar o fogo</i> : Bravatas de Bolsonaro só agravam a crise gerada pela elevação do desmatamento	Título e subtítulo

Discussão:

O título *Abaixar o fogo* é uma expressão metafórica de grande poder persuasivo, pois é capaz de ativar dois frames para o leitor, tanto o frame relativo a incêndio, em sentido físico, quanto social e político, sempre em sentido negativo, quanto às posturas do presidente Bolsonaro, para que suas falas públicas a respeito dos incêndios na Amazônia sejam mais cuidadosas e menos ruidosas. Ainda que haja um sentido de censura ao governante neofascista, há, também, uma conclamação. É clara a existência de processos simultâneos de caráter material, mental e relacional, pois deseja-se impedir a destruição da natureza, estabelecer novo padrão mental, envolvendo a consciência ecológica, o que, então, permitiria um outro tipo de relações políticas. Tais processos são transformativos, mas dentro do espectro neoliberal.

Isso se explica pelo fato de a grande imprensa ter apoiado a eleição do, então, candidato de extrema direita. A metáfora que segue, no subtítulo, por meio da palavra *elevação*, não deixa de traçar um paralelo com a Bolsa de Valores, numa clara alusão ao fato de se tratar de um governo que representa, primeiramente, os interesses do capital financeiro e de tudo que tenha sido financeirizado, na economia do País, mas nem tanto, no caso de pequenos investidores. O conceito de valor transparece de imediato, para qualquer indivíduo que integre o espectro do capitalismo financeiro. A bolsa de valores é uma entidade que vive de movimentos mercadológicos, sendo altamente conservadora. Essas realidades permitem a avaliatividade no primeiro "bater de olhos".

A negatividade, mais uma vez, é evidente, porque a elevação não é das ações da Bolsa, mas do *desmatamento*, praticado de forma criminosa por instigação do governo federal. Trata-se de movimento funesto. Mas há um fundo econômico decisivo no uso da metáfora *elevação*, porque implica em prejuízos financeiros, de qualquer modo, tanto para a economia local, quanto global, devido aos desdobramentos climáticos que não se restringem ao país.

O leitor será remetido a perdas financeiras, mesmo que não tenha atitude positiva, em relação à proteção do meio ambiente. Portanto, o jogo ideológico, no título, segundo Hallyday, a modalidade, envolve o pensamento neoliberal, relacionado à financeirização da economia e aos movimentos de Bolsas de Valores para baixo e para cima (abaixar/elevação). É um choque de ideias, com base no choque de interesses, entre setores dominantes conservadores da sociedade capitalista periférica, onde o povo não aparece nem como espectador. Porém, grande parte dos leitores do jornal são pessoas de classe média (pequena burguesia), muito interessados nos movimentos de mercado. O editorial tem destinatários certos, O que pauta os proprietários do jornal (e leitores) não são princípios ecológicos, mas interesses financeiros, principalmente.

No aspecto da construção do complexo oracional, há dois

NUNES, Camila Matos Venesiano. A representação do tema "Amazônia, patrimônio da humanidade" em um editorial de jornal: uma abordagem sistêmico-funcional. Revista Intercâmbio, v.XLVII: 67-97, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

participantes: quem apela, no caso, os proprietários do jornal que representam uma parcela dominante da sociedade, e a quem se dirige o apelo, o Presidente da República, e eventualmente, a quem possa pressioná-lo, numa circunstância de perdas financeiras prováveis, ou certas.

Expressa-se a desqualificação do governante, por meio de duas figuras, que compõem uma sequência, com seus elementos léxico-gramaticais: verbo no infinitivo, mas com valor imperativo, menos de ordem, mais de súplica, substantivo quente (fogo), dois pontos, para introduzir uma explicação, o substantivo *bravata* e seu determinante, o Presidente, a restrição expressa por só, o verbo no presente (*agravam*), o substantivo *crise*, na função de objeto direto e o desfecho final por meio de uma oração subordinada de cunho adjetivo, introduzida por um verbo no particípio (*gerado*) e seu agente da passiva (*aumento do desmatamento*), onde se encontra o substantivo que contém múltiplos sentidos ideológicos, para quem vive o dia a dia da bolsa de valores.

As relações entre mundo físico e mundo mental (ideológico) despontam com toda força. Não são meras teses, mas conceitos vinculados diretamente à realidade econômica. E o mood só pode ser aquele que entra em cena como "o equilibrado" (o jornal e seus seguidores) e o Presidente, como "o desequilibrado", com verbos no infinitivo e indicativo, respectivamente, mas com gradação altamente negativa para o segundo, pois o verbo agravar por si só é superlativo e implica piora crescente.

<p>(2)Com a crise do desmatamento na Amazônia a <i>ultrapassar as fronteiras do país</i>, a política externa do governo Jair Bolsonaro (PSL) passará por seu primeiro grande teste. Até aqui, o presidente apenas acrescentou dificuldades desnecessárias a um problema real.</p>	Situação/Problema
--	--------------------------

Discussão

Na figura composta por duas orações, nota-se que a política externa, um ser inanimado e abstrato, ganha a condição de sujeito, ainda que seja determinada por um adjunto adnominal, onde aparece o nome do presidente da república, ser animado e real. O participante formal é a política externa, mas o agente é o presidente, estabelecendo uma relação gramatical em que o sujeito é mais importante do que o adjunto adnominal na oração. De outro modo, a prioridade do redator é a política externa, porque representa a nação, enquanto o agente é secundário. E não é o presidente que passará por um grande teste, porém sua política externa, reforçando, mais uma vez, o que é o principal e o que é o secundário. Entretanto, quando se trata de inculpar o Presidente, ele

NUNES, Camila Matos Venesiano. A representação do tema "Amazônia, patrimônio da humanidade" em um editorial de jornal: uma abordagem sistêmico-funcional. Revista Intercâmbio, v.XLVII: 67-97, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

assume o papel principal na oração, pois atribui-se a ele o acrescentamento de dificuldades e não à política externa. A estratégia geral do editorialista, no entanto, não é o ataque direto e frontal o tempo todo, mas o contrário.

O redator joga com os participantes das orações, mudando o sinal de positivo para negativo, na medida em que se refere diretamente ao governante de plantão. Também, faz o jogo da gradação, sem usar superlativos, mas utilizando o verbo acrescentar e, com isso, estabelece a força. O agravamento da situação remete ao título, o que reforça seu grau. A escolha do adjetivo *desnecessárias* intensifica o verbo acrescentar, porque não se trataria de situação incontornável. Essa maneira de construir as ideias teria a intenção de estabelecer ligação entre a atitude prática e a ideologia, ou seja, entre pragmatismo e não pragmatismo, em torno de um problema real.

O jornal prefere o pragmatismo, doutrina derivada de sua ideologia de classe. O mood varia, na medida em que o redator, altera os alvos de forma positiva ou negativa, passando de ser inanimado para ser animado e vice-versa. São escolhas ideológicas precisas. Não há casualidade. Desse modo, estabelece-se tensão situacional, a partir de uma circunstância causal, a crise do desmatamento que, por sua vez, gera consequências, ao atingir a política externa brasileira, um problema a ser resolvido, já que o presidente não tem exercido função positiva e conciliatória em relação aos desmatamentos, que são causa e consequência em si mesmos. A atitude tática do redator é gerar ansiedade, ao trazer um problema e não o apresentar como resolvido. A expressão metafórica "a ultrapassar as fronteiras do país" dá pernas à crise, na medida em que ela "ultrapassa". Passo a passo, os valores surgem, impondo dois campos para a avaliatividade, em oposição: de um lado, a favor do pragmatismo e, do outro, contra as práticas ideológicas do presidente.

(3) A sucessão de atos e declarações irresponsáveis do mandatário proporcionou material farto para que o Brasil seja mais uma vez exposto como <i>vilão do ambiente</i> – antes mesmo de haver dados e diagnósticos mais precisos a respeito da ampliação de queimadas e outras modalidades de devastação.	Argumento Irresponsabilidade
---	--

Discussão

No âmbito da função ideacional, a escolha lexical denota avaliatividade por meio do adjetivo *irresponsáveis* que aparece determinando ambos os elementos-núcleo do complemento nominal do participante abstrato *sucessão*. Nesse momento já não apenas acrescenta dificuldades, mas os atos e declarações são irresponsáveis. A gradação vai

se tornando superlativa, sem o uso de superlativos. Julgam-se os atos, mas não o presidente diretamente. A interpretação caberá ao leitor que, caso coincida nos valores, confluirá para o mesmo campo ideológico do jornal. O desdobramento ocorre no plano de país, pois o Brasil se torna o vilão e não o presidente. Esse deslocamento de juízo é continuação da mesma estratégia do início do texto em que se substitui o presidente pela política externa.

A razão que teria o redator do editorial, para preferir esse método pode levar às mais variadas conjecturas, no entanto, também, aqui, não aparecem aqueles a quem o presidente precisa, eleitoralmente, mostrar apoio indireto que são os mesmos que o apoiaram nas eleições e que, agora, perpetraram as queimadas. Não há referência a essa parte do círculo daqueles que dão sustentação política ao presidente. O redator, amenizando a inculpação ao presidente, inclui dois novos participantes, os *dados* e *diagnósticos*, inseridos numa circunstância de tempo (*antes*), o que, sintaticamente, diminui o impacto do ataque. Essa tática reiterativa indicaria que, de fato, a diferença entre as posições ideológicas e políticas do jornal e as do presidente ocorrem no mesmo campo do neoliberalismo, sem extravasar para o terreno de qualquer oposição ao sistema. Surge a hipótese de que, talvez, as *queimadas* não tenham a gravidade que se esteja atribuindo a elas.

Em outras palavras, se o presidente alterar seu comportamento, tudo se resolve. Não é necessário, obrigatoriamente, alterar sua ideologia ou sua política. Reforça esse conjunto de manipulações da parte do redator o domínio fonte da expressão *vilão do ambiente* que é aquele que é dedicado ao mal, em que se apresenta o Brasil, como alvo e não o presidente. Mas não deixa de haver certa racionalidade na atitude do editorialista, porque foi a maioria dos eleitores que escolheu Bolsonaro presidente. Ele representa o Brasil, não simplesmente porque queira, mas porque um coletivo de eleitores quis e há divisão de responsabilidades. Então, desloca-se o mal do presidente para o Brasil. A responsabilidade escorre para as mãos de eleitores que, em maioria, puseram esse governante no trono, ao invés de outros. Então, a culpa passa a ser do país.

<p>(4) Esta, de fato, dá <i>motivos palpáveis</i> para o alarme. <i>O governo esvazia órgãos de controle</i> e impreca contra práticas que reduziram o <i>rombo amazônico</i> de 25 mil km² desmatados em 2004 para 7,9 mil km² no ano passado.</p>
--

<p>Hipótese A preocupação é justificada</p>
--

Discussão

Mantendo a mesma linha de ação, o editorialista denuncia a devastação, como a razão do alarme, colocando-a como sujeito, na forma do pronome *esta*, com que retoma o discurso e o objeto de sua atenção. A

seguir, aparece outro participante, *o governo*, que seria o responsável por esvaziar os órgãos de controle. Ao se referir ao governo, usa um substantivo genérico que pode ser considerado abstrato, conforme o ângulo de análise, já que os indivíduos concretos desaparecem, ou ainda, pode adquirir um sentido coletivo, já que o governo se compõe de múltiplos indivíduos, o que é uma forma de diluir responsabilidades.

O governo está concentrado na figura do presidente, num Estado presidencialista. É ele quem decide quem o assessora, ainda que ele seja o reflexo de múltiplas composições sociais e políticas construídas no decorrer do tempo. E sua política decorre do programa que defende, por sua vez, síntese dos acordos feitos. Com essa simples manobra no discurso, o redator se exime de nomear o responsável maior e seus aliados e, ao se referir à fiscalização, não faz referência, em nenhum momento, a quem deveria ser fiscalizado, porque atingirá não só os aliados do presidente, mas também aliados seus e de seus aliados, o que denuncia um grande conluio das classes dominantes.

Apesar do desvio do discurso, há um mood significativo, presente nos adjuntos adverbiais e que indica valor de cunho ideológico, mas alicerçado na economia e que consiste na referência à redução de área desmatada entre 2004 e 2019. Essa referência é significativa, porque abarca um período em que esteve no governo uma conjunção de forças mais inclinada à socialdemocracia, no plano político, ainda que no plano econômico mantivesse a linha neoliberal, como indicam as taxas de juros bancárias. E, ao usar o verbo imprecisar, palavra de raro uso no português atual, denota-se que algo incomum e único está acontecendo, porque, por mais incrível que possa parecer, é o governo – mais uma vez, não é o presidente –, quem pede para reduzir as práticas que diminuíram a devastação em conjunturas anteriores. É o inusitado.

Esse fato reforça a ideia presente no texto de que, desde que mantida determinada política mínima de preservação do meio ambiente, para facilitar a convivência internacional, não prejudicando o ganho de determinadas camadas da classe dominante local e estrangeira, quem está no governo não importa muito, tal como já está demonstrado nas passagens analisadas do texto.

Isso explica perfeitamente o uso de determinadas metáforas, nesse trecho, como *motivos palpáveis*, que, por meio da percepção tátil, trata da realidade e concretude do problema e que se choca com a falta de pragmatismo do presidente, por razões ideológicas. Dizer que *o governo esvazia* os órgãos de controle, por meio de uma metáfora conceptual de recipiente, indicando o esvaziamento, remete ao frame de "controle"/descontrole, o que tem a intenção de aguçar a percepção do leitor para a gravidade da ação de demissão/exoneração dos funcionários dos órgãos de controle do meio ambiente, em curso. E, no terceiro caso, a expressão metafórica *rombo amazônico* que é uma espécie de gíria associada em economia a *déficit*, chama-se a atenção para a má gestão dos bens públicos, tal como é o caso das florestas. Porém, mantém-se a

NUNES, Camila Matos Venesiano. A representação do tema "Amazônia, patrimônio da humanidade" em um editorial de jornal: uma abordagem sistêmico-funcional. Revista Intercâmbio, v.XLVII: 67-97, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

mesma prática, isto é, não se nomeia quem deu a ordem. Em conjunto, desde o início do texto, entrecruzam-se fatores de ordem material, mental e relacional, expressos pelo verbal, pelo comportamental e pelo existencial

<p>(5) O presidente vem de um meio, o militar, que preconiza a ocupação econômica da Amazônia como uma forma de evitar a ingerência estrangeira. Se pontualmente pode haver preocupações legítimas, <i>o tom geral da teoria é paranoico.</i></p>	<p>Argumento Soberania</p>
--	---------------------------------------

Discussão

O presidente agora aparece como sujeito, mas não em tom de acusação. A intenção é de cunho explicativo e visa a tratar de sua profissão de origem ou, mais exatamente, da corporação em que se formou, por meio de um advérbio que indica circunstância de meio, seguido de um aposto, porque o meio é o militar. Mas nada se diz sobre a época em que esteve na caserna e o que vigia no país daqueles tempos. Por isso, nada diz sobre Lei de Segurança Nacional ou ditadura militar. São escolhas ideológicas e políticas dizer e não dizer, mas também denuncia o jogo relacional do editor, inclusive, quanto à função interpessoal de não querer criar atrito com as Forças Armadas. Num primeiro passo, dá razão aos militares em sua política amazônica, já que a intenção era evitar a ingerência estrangeira pontual, pelo menos, em teoria, e, em seguida, no plano geral, considera-a *paranoica*.

Mais uma vez, há um plano tático que se utiliza da gradação, sem usar superlativos, mas impondo um adjetivo fortíssimo que remete à psiquiatria, a aspecto comportamental, aos frames de anormalidade/loucura, deixando claro, para onde se inclina a avaliatividade negativa, inclusive, em relação às Forças Armadas de que o presidente, apesar de ter sido expulso, por injunções jurídicas, continua sendo parte. Seria uma tentativa do editorialista de demonstrar ao leitor, mesmo sem aprofundamento da argumentação, que a soberania brasileira nunca esteve em perigo e que não está ameaçada agora.

Mudando um pouco o ângulo da análise, o redator, devido a sua posição ideológico-filosófica, não aceita nem os argumentos das Forças Armadas e nem de parte de seus aliados, nessa conjuntura, por desqualificá-los cientificamente, ainda que componham todos, inclusive, o editorialista, o mesmo espectro filosófico.

As Forças Armadas não são consideradas aliadas do presidente, mesmo que se leve em conta a origem dele, e se verifique a própria composição do governo, porque pela Lei maior militares não interferem em política e são neutros. Outra vez, o editorialista se desentende com a realidade, mesmo conhecendo-a a fundo. Esse conceito de neutralidade se estende à ciência burguesa, na visão neopositivista. A adjetivo *paranoico*

NUNES, Camila Matos Venesiano. A representação do tema "Amazônia, patrimônio da humanidade" em um editorial de jornal: uma abordagem sistêmico-funcional. Revista Intercâmbio, v.XLVII: 67-97, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

desqualifica os militares que são positivistas históricos, no campo do conhecimento e como analistas geopolíticos. Por outro lado, a *histeria* e a *desinformação*, resultantes de equívocos e descontrole emocional, serão aproveitadas por oportunistas.

A passagem, em seu conjunto, apresenta intrincada função ideacional, no plano ideológico (e avaliativa), sendo necessário, para sua percepção, conhecer o método que subjaz à ciência burguesa de linha neopositivista e, desse modo, seu desdobramento filosófico e ideológico. E a maior parte dos leitores do jornal não teria formação acadêmica suficiente para isso, implicando gradação na decodificação e, possivelmente, variados graus de histeria e desinformação entre os leitores, devido a essa dificuldade.

(6) Em tal cenário, o país se torna alvo não apenas de críticas bem fundamentadas – e elas são muitas – mas também de <i>manobras oportunistas</i> que se valem de um tanto de histeria e desinformação.	Argumento Críticas e desorientação
---	--

Discussão

O redator mantém a mesma estratégia. Seu alvo principal oscila entre o presidente e outros menos significativos, no que tange à responsabilidade pelos eventos de destruição da natureza. O país, como sujeito da oração declarativa, é o alvo das *críticas*, mas determinadas pelo adjetivo *fundamentadas* e intensificadas pelo advérbio *bem*. Em contraposição à atitude paranoica das Forças Armadas, em que o presidente está incluso, as críticas são bem fundamentadas, o que pressupõe que tenham embasamento científico. Ainda que aparente neutralidade, tal postura, em relação à fundamentação de argumentos, tem caráter ideológico-filosófico, também.

Trata-se de representantes reacionários do capital (direita e extrema direita), e valorizar ou não a ciência os divide. A direita, um pouco mais liberal e, ainda presa a alguns conceitos iluministas, tende ao neopositivismo e faz a defesa da ciência. A extrema direita tende a negar a ciência, inclusive, se envolvendo com misticismos religiosos de toda índole. Há um embate ideológico de grandes magnitudes, porque é global. Significa isso que se está diante, mais uma vez, da função ideacional, em seu aspecto ideológico, no mais alto grau, e o fim desse confronto consiste em tentar separar quem entende o que ocorre no Brasil e no mundo, de quem não entende. Mas todos que são referidos no texto, e o próprio redator, compõem o mesmo campo geral, separados entre si por nuances, ainda que importantes.

Ao mesmo tempo, confirmando e reforçando sua posição relativa à ciência burguesa, o editorialista desvaloriza a histeria e a desinformação, mesmo que ocorra no campo aliado do jornal, porque estaria sendo

instrumentalizada por *oportunistas*. Mais adiante, o editorialista denuncia o oportunista e se esclarece o que o redator entende por oportunismo. Considere-se que a expressão metafórica *manobras oportunistas* é uma metáfora conceptual de “movimento em direção a algum lugar”, que pode ser para qualquer lugar, uma das razões de seu descarte. O julgamento é evidente, não importando seu grau de veracidade.

<p>(7) O presidente francês, Emmanuel Macron, por exemplo, não desperdiçou a chance de usar as queimadas amazônicas na tentativa de <i>ocupar o vácuo de lideranças</i> na Europa – com direito a seu quinhão de tolices, como chamar a floresta de pulmão do mundo. O fez trazendo a discussão para o fórum do G7, que reúne neste sábado (24) os líderes das maiores economias globais. É incerto, porém, se sua intenção terá guarida dos EUA de Donald Trump, dadas as afinidades entre o republicano e o presidente brasileiro.</p>	<p>Argumento Oportunismo</p>
---	---

Discussão

Entra um novo participante em campo. É o presidente da França que aparece como sujeito oracional, imediatamente, reforçado por um aposto especificador que o nomeia. Essa posição na oração denota sua importância. Entretanto, em seguida, sua imagem é maculada, porque os atributos são altamente negativos e dão continuidade à parte anterior do discurso, pois passa-se a conhecer um dos oportunistas ou o oportunista. Expressões, como *não desperdiçou a chance*, que, por meio do verbo desperdiçar, em sentido negativo, mostra que o presidente estava à espreita, sugere oportunismo e não consistência de argumentos, como prescreve a ciência burguesa. A expressão seguinte, *tentativa de ocupar o vácuo com direito a seu quinhão de tolices*, ao usar o substantivo tentativa, chama o frame da incerteza, quer dizer, tentar a sorte, se der certo, muito bem, se não der, tentar não custa nada, o que reforça o sentido de oportunismo.

Na sequência, o redator dá o golpe final no francês, que, inicialmente, fora apresentado como alguém importante, desqualificando seu argumento de Amazônia, *pulmão do mundo*, antecedido do verbo *chamar*, de sentido mais vulgar, se comparado, por exemplo, a denominar. Isso equivale a dizer que sua argumentação não é consistente, apesar de ser presidente. O posicionamento dos elementos léxico-gramaticais – o que vem antes e o que vem depois – nesse trecho, tem função ideacional e interpessoal, devido ao choque emocional que provoca, já que se espera de um presidente, especialmente, de uma metrópole, argumentos consistentes. Convoca-se contra o presidente o frame da não ciência, vinculada ao oportunismo que, por sua vez, convoca

o frame altamente danoso, no caso, a Ética. O julgamento da atitude do presidente francês tende a amenizar o comportamento do brasileiro, porque não seria o único a agir desse modo. O editorialista escamoteia as razões da coincidência, o que é, também, desinformação.

Ao finalizar o trecho, o redator anuncia um grande evento internacional, para fazer o último reforço do ataque ao presidente francês. O redator "informa" que *O fez trazendo a discussão para o fórum do G7, que reúne neste sábado (24) os líderes das maiores economias globais. É incerto, porém, se sua intenção terá guarida dos EUA de Donald Trump, dadas as afinidades entre o republicano e o presidente brasileiro,* atacando em várias frentes, simultaneamente, supondo que já teria conseguido atingir diversos objetivos. O número de participantes se multiplica e representam o máximo de poder global.

Makron, ainda que seja de direita e ainda que represente parte importante da alta burguesia mundial, dentro da lógica do capital, opõe-se a Trump, presidente dos EUA, principal potência mundial. O francês não é de extrema direita, diferentemente de Trump e Bolsonaro. Representam frações diferentes da classe dominante global. É público e confirmado, de diversas maneiras, que, por uma espécie de "correia de transmissão", Trump domina o presidente brasileiro que o repete quase em tudo, ainda que de forma neocolonial.

Sem entrar nesses meandros, o redator alia-se ao presidente brasileiro e a Trump contra o presidente francês, reforçando o conceito de oportunismo contra o francês, mas, desta vez, sem a certeza de conseguir o apoio do norte-americano. Mesmo assim, quem se veria fortalecido seria o presidente brasileiro. E o evento, como sempre ocorre, terá repercussão global, quando o redator associa, de novo, oportunismo e irresponsabilidade ao presidente francês, por não fundamentar consistentemente seus argumentos num previsto fórum de tamanha importância. A tática do editorialista é a reiteração.

O oportunismo de lideranças estrangeiras seria mais forte do que uma real ameaça à soberania nacional. O redator vai se distanciando de todos que possam estar "errados", de modo a se apresentar como "independente", "ético" e "justo". E distancia-se, também, dos demais líderes europeus, atacando-os em bloco, quando se refere a *ocupar o vácuo de lideranças* na Europa, posição que Makron estaria tentando assumir. De fato, a maior parte dos líderes europeus da União Europeia é contra a destruição da floresta, sendo Angela Merkel a grande líder da Europa. O redator ignora esse fato propositalmente, de modo velhaco, juntando-se a Bolsonaro e a Trump e reforçando novamente a carga contra o francês que, oportunisticamente, estaria tentando assumir a liderança europeia.

Obviamente, a expressão metafórica *ocupar o vácuo* não reflete a real situação política europeia. O redator, que parecia o defensor da floresta, vai ressurgindo como realmente é, ou seja, um defensor de determinadas frações do capital, com Ética, também, duvidosa,

NUNES, Camila Matos Venesiano. A representação do tema "Amazônia, patrimônio da humanidade" em um editorial de jornal: uma abordagem sistêmico-funcional. Revista Intercâmbio, v.XLVII: 67-97, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

confirmando argumentos iniciais desta análise. Do interior da função ideacional, desponta o aspecto político e econômico por todos os poros, com avaliatividade, aparentemente, crítica, mas, de fato, conservadora, acompanhada de julgamentos sucessivos, num jogo de "bate e assopra", nem sempre com base real. O leitor é jogado em várias direções, muitas vezes, contraditórias e, se for persuadido, tende a sê-lo de forma confusa.

<p>(8) O estrago de imagem está feito, de todo modo, e pode ter repercussões comerciais importantes. <i>Franceses e irlandeses já ameaçam o acordo Mercosul - União Europeia</i>, que precisa ser aprovado por todos os países envolvidos.</p>	<p>Argumento Acordos internacionais podem não se efetivar</p>
---	--

Discussão

Como tem feito, desde o início do editorial, ao continuar o texto, refere-se, em oração inicial, ao fato real de que *O estrago de imagem está feito*, mas a questão é que não aparece nenhum agente que possa ser responsabilizado por isso. O estrago é concreto por variados ângulos, mas quem o provocou não é invocado. Na oração coordenada sindética aditiva, apenas, se anuncia a possibilidade de repercussões comerciais importantes. E nada mais.

Na oração que se segue, reaparecem os franceses, mas agora, em forma de coletivo, porque *franceses* é referência à parte da alta burguesia francesa que tem seu representante no poder, o presidente Makron. Junto com eles, surgem os irlandeses que *já ameaçam o acordo Mercosul - União Europeia*. O redator demonstra não se preocupar com a contradição no discurso, provavelmente, na certeza de que não será cobrado.

Se há *um vácuo de lideranças na Europa*, não deveria haver mobilização de franceses e irlandeses, porque sem líderes ficaria muito difícil qualquer coordenação de eventos dentro das instâncias de poder existentes e nem caberia preocupação com as votações internas, porque os fatos passariam despercebidos. Mas o redator está preocupado e, de fato, tenta induzir o leitor a ter a mesma preocupação, apesar de ter dito o oposto há pouco. Atacou o presidente francês com intensa dose de atributos negativos e não se preocupa com seus próprios argumentos. A ideologia burguesa permite que contradições, como essas, convivam lado a lado, sem que a maioria das pessoas se dê conta.

<p>(9) Há um extenso rol de providências a serem tomadas para <i>estancar a crise</i>, e o <i>ajuste de tom</i> de Bolsonaro deveria ser a mais imediata delas. Ele adotou maior sobriedade, felizmente, em seu pronunciamento em cadeia de rádio e TV nesta sexta-feira (23), trocando o confronto pela defesa da preservação.</p>	<p>Argumento/Avaliação Providências/Tom conciliatório</p>
--	--

Discussão

Mantendo até os derradeiros momentos a mesma linha de ação, exacerbando cada vez mais a função ideacional do texto, o redator introduz uma oração por meio de verbo impessoal (*Há*), cujo objeto direto, *extenso rol de providências a serem tomadas*, ao chegarem ao presidente brasileiro se resumem a *ajuste de tom*. Não se nota qualquer contradição maior e está chegando ao final do editorial, sempre se esquivando de confronto. A dança de gato e rato se dá, principalmente, por meio de manobras, envolvendo os sujeitos das orações, com que se poupa o responsável por induzir desmatamento em larga escala. Com a mesma estratégia, introduz o frame relativo à “política”, com seu domínio alvo, ressaltando com o substantivo *providências* e seu atributo *a serem tomadas*, o desejo de *estancar a crise*. Tal desejo, até por seu caráter subjetivo e emocional, é anunciado, sem qualquer fundamentação, exceto a referência, também, subjetiva, relativa ao tom do presidente.

No período seguinte, *Ele adotou maior sobriedade, felizmente, em seu pronunciamento em cadeia de rádio e TV nesta sexta-feira (23), trocando o confronto pela defesa da preservação*, chama a atenção a sequência de referências positivas ao presidente. *A gradação é evidente, ainda que ausentes quaisquer superlativos. O sujeito Ele articula-se com o objeto sobriedade* e é reforçado pelo advérbio de modo *felizmente*, duas escolhas altamente positivas em relação ao presidente, culminando com *defesa da preservação*, mas contra o *confronto*, ou seja, a intenção é acomodação e não oposição.

A circunstância de ser um evento, em cadeia de rádio e TV, indica a importância do recuo do presidente, segundo o redator. Porém, não usou textualmente a palavra recuo, para dizê-lo. Portanto, não se desejam bravatas ideológicas, mas pragmatismo, a bem do comércio internacional, preservando os grandes interesses econômicos em jogo.

<p>(10) Restará, claro, adotar as medidas necessárias para ao menos indicar a intenção de reverter os números negativos. <i>Bravatas nacionalistas não ganharão o jogo</i> desta vez.</p>	<p>Avaliação Necessidade de ações</p>
--	--

Discussão

Nos instantes finais, o redator volta à carga com o mesmo método e inicia uma oração principal com um verbo de caráter impessoal, enquanto uma oração substantiva subjetiva (adotar as medidas necessárias) representa o sujeito, mas seu verbo (*adotar*) está no infinitivo, o que torna quase ausente o sujeito. A finalidade (*a intenção de reverter os números negativos*) não se altera e continua consistindo em acomodar-se e retornar à paz geral.

E o mesmo desejo (não às *bravatas nacionalistas*) segue seu curso. O atributo *nacionalistas* é usado pelo redator, mesmo em contradição com a realidade, pois é conhecida a posição neocolonial do Brasil e, mais ainda, a postura de submissão aos EUA do presidente brasileiro, além da desproporcional correlação de forças do Brasil em relação aos EUA e, também, em relação aos países da União Europeia.

O editorialista abstrai-se do fato de submissão neocolonial, na atual conjuntura, estar associada, historicamente, no plano econômico, à inexistência de soberania, desde a invenção do Brasil, como país. O redator avança na argumentação, até chegar à conclusão sobre a necessidade de acomodação, sem importar-se com contradições. Tal como iniciou o texto, sem propostas programáticas, termina, sem qualquer contribuição, pois tudo se resume a eliminar as bravatas. A conclusão tenta induzir o leitor a pensar que não há nenhuma divergência importante e que o problema está em alguns detalhes comportamentais. O texto é ideológico de começo a fim e visa a diluir confrontações políticas internas, o contrário do que aparenta ser no início.

4. Considerações finais

Neste artigo, examinou-se o gênero editorial e sua estrutura persuasiva no texto "Bravatas de Bolsonaro só agravam a crise gerada pela elevação do desmatamento", publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, que trata do aumento expressivo das queimadas na região amazônica e os efeitos das declarações de Bolsonaro a respeito do assunto no cenário econômico internacional.

A análise procurou mostrar como o editorialista construiu uma rede de valores ideológicos, deslocando sujeitos, selecionando verbos, usando metáforas e, inclusive, subvertendo fatos históricos, em prol da defesa dos interesses que representa ou que imagina representar.

Examinado, sob o ponto das escolhas léxico-gramaticais, na microestrutura, tal editorial, revela que a tentativa de persuasão não necessariamente se prende à realidade dos fatos, quando seu objetivo principal se realiza no campo ideológico, percorrendo funções ideacionais. Sua progressão, por estágios, e a cada momento se impondo determinada ou determinadas finalidades parciais, caminha para um objetivo principal, no caso examinado, a diluição das atitudes do presidente, com a intenção

NUNES, Camila Matos Venesiano. A representação do tema "Amazônia, patrimônio da humanidade" em um editorial de jornal: uma abordagem sistêmico-funcional. Revista Intercâmbio, v.XLVII: 67-97, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

consciente ou não de levar a conclusão do texto a aspectos completamente secundários, apesar de ter-se utilizado de fortes argumentos de fundo geopolítico global, no decorrer do texto, tentando, inclusive, desqualificar um alto dirigente europeu.

Ao colocar em prática tal estratégia, criou a sensação psicológica no leitor da grandiosa busca de solução, incluindo ações internacionais de monta por parte de participantes. Entretanto, sua diluição, ao final, tendeu a induzir o leitor a um tipo muito específico de persuasão que o leva a inatividade diante dos fatos, pois bastaria mudar o tom. Quer dizer, havia perigo, mas a solução seria fácil, simples e não comprometeria ninguém. A gradação dos ataques, ora a um participante, ora a outro, construiu-se de tal modo que, em paralelo, levou-se à diluição do problema e à inativação do leitor. Quer dizer, o texto aparenta o que não é. Não se trata de um editorial carregado de preocupações ecológicas, mas sim de interesses econômicos bastante mesquinhos.

Jogando com algumas metáforas conceptuais de finanças, a intenção de trazer para si leitores da pequena burguesa, envolvida em aplicações em Bolsa evidencia-se, assim como a intenção de desmobilizar essa parte de seu público, porque o jornal, também, está financeirizado. Tais percepções explicam por que em nenhuma escolha léxico-gramatical houve referência aos biomas destruídos ou a qualquer preocupação com os seres da floresta amazônica. As metáforas, portanto, foram selecionadas pontualmente uma a uma.

Os atributos do presidente no texto seguiram a mesma lógica, pois caminharam para a diluição. Do adjetivo *ruidoso* desembarcou-se no substantivo *tom*. O objetivo do editorialista é, aparentemente, o convencimento. De fato, sua intenção é levar o leitor à desmobilização por meio da diluição conceitual.

Os resultados desta análise são um alerta contra as leituras rápidas e despreocupadas de editoriais de grandes jornais, porque pode haver uma grande trama em sua construção, ideologicamente tecida. Portanto, consideram-se respondidas as questões propostas, no âmbito de um artigo breve. O texto analisado, de fato, apresenta a argumentação em etapas e suas finalidades foram evidenciadas, nos marcos da teoria funcionalista. Seguidamente, os papéis da modalidade e da avaliatividade emergiram do processo de persuasão que percorre o editorial. As metáforas mostraram-se presentes e foram consideradas.

Referências Bibliográficas

ABAIXAR o fogo: bravatas de Bolsonaro só agravam a crise gerada pela elevação do desmatamento. *Folha de S. Paulo*. Editorial. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2019/08/abaixar-o-fogo.shtml>>. Acesso em: 16 out. 2019.

NUNES, Camila Matos Venesiano. A representação do tema "Amazônia, patrimônio da humanidade" em um editorial de jornal: uma abordagem sistêmico-funcional. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 67-97, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
Berry K. e Berry C. A Description of Agun, a West Language of Irian Jayan, Camberra: Pacific Linguistics, 1999.

BLUMENBERG, H. *Ästhetische und metaphorologische Schriften* [Aesthetic and Metaphorologic Writings]. Frankfurt a. Main: Suhrkamp, 2001.

BURGESS, S. R. et al. Changing relations between phonological processing abilities and word-level reading as children develop from beginning to skilled readers: a 5-year longitudinal study. *Developing Psychology*, 33.3: 468-479, 2002.

CASANAVE, C. P. *Controversies in second language writing: dilemmas and decisions in research and instruction*. Michigan: The University of Michigan Press, 2004.

CHARTERIS-BLACK, J. *Corpus Approaches to Critical Metaphor Analysis*. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

EGGINS, S. *An introduction to systemic functional linguistics*. Londres: Pinter, 2004.

FILLMORE, C. J. Frame semantics. In: SICOL-1981, 1982, Seoul. Selected papers from SICOL-1981 Linguistics in the Morning Calm. Seoul: Hanshin Publishing Co., 1982.

FOWLER, R. *Language in the news*. Londres: Routledge, 1991.

FUZER, Cristiane. Realizações linguísticas e instanciação de gêneros na perspectiva sistêmico-funcional, *DELTA* vol.34 no.1 São Paulo jan./mar. 2018.

3.1.1.1 <https://doi.org/10.1590/0102-445082775369453342>

HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic*. Londres: Longman, 1978.

_____. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

_____. *Introduction to Functional Grammar*. Londres: Edward Arnold, 1994.

NUNES, Camila Matos Venesiano. A representação do tema "Amazônia, patrimônio da humanidade" em um editorial de jornal: uma abordagem sistêmico-funcional. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 67-97, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

_____; MATTHIESSEN, M. I. M. *An introduction to functional grammar*. Londres: Edward Arnold, 2004.

HOEY, M. Signalling in discourse: a functional analysis of a common discourse pattern in written and spoken English. In: COURTHARD, M. *Advances in written text analysis*. Londres: Routledge, 1994.

HUNSTON, S. Evaluation and ideology in scientific writing. In: GHADESSY, M. (org.) *Register analysis: theory and practice*. Londres: Pinter Publishers, 1993.

_____. Evaluation and organization in a sample of written academic discourse. In: COULTHARD, M. (org.). *Advances in written text analysis*. Londres: Routledge, 1994.

JOHNSON, M. Philosophical implacations of Cognitive Semantics. *Cognitive Linguistics* 3:345-66, 1992.

_____. *The body in the mind*. Chicago e Londres: University of Chicago Press, 1987.

KIRSCH, G.; ROEN, D. *A sense of audience in written discourse*. California: SAGE, 1990.

KITIS, E; MILAPIDES, M. Read it and believe it: how metaphor constructs ideology in news discourse – a case study. *Journal of Pragmatics*, v. 28: 557-590, 1997.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987.

_____. *The contemporary theory of metaphor*. In: ORTONY, A. *Metaphor and thought*. 2a ed. Cambridge: CUP, 1993.

LAKOFF, G.; JOHNSON. M. *Metaphors we live by*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1980.

LATOURE, B.; WOOLGAR, S. *Laboratory Life*. London: Sage, 1979.

LEE, S. H. An integrative framework for the analyses of argumentative/persuasive essays from an interpersonal perspective. *Text and Talk*, 28.2: 239-270, 2008.

LEMKE, J. Resources for attitudinal meaning: Evaluative orientations in text semantics. *Functions of Language*, 5.1: 33-56, 1998.

NUNES, Camila Matos Venesiano. A representação do tema "Amazônia, patrimônio da humanidade" em um editorial de jornal: uma abordagem sistêmico-funcional. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 67-97, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

LI, L. Transitivity and lexical cohesion: Press representations of a political disaster and its actors. *Journal of Pragmatics*, 42.12: 3444-3458, 2010.

MACKEN-HORARIK, M. Appraisal and the special instructiveness of narrative. *Text*, 23.2:285-312, 2003.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Lexicogrammatical cartography: english systems*. Tokyo: International Language Sciences Publishers, 1995.

MARTIN, J. R. Introduction. *Text* 23.2: 171-182, 2003.

MARTIN, J. R. Language, Register and Genre. In: CHRISTIE, F. (org.) *Children Writing: Reading*. Geelong: Deakin University Press, 1984.

_____. *The english text: system and Structure*. Amsterdã: John Benjamins, 1992.

_____. Beyond exchange: APPRAISAL systems in English. In: HUNSTON, S.; MINGHELLI, T.D. Pensando na criação do Frame Processo de conhecimento no Direito Processual Civil. In: I SUL LETRAS, 2012, São Leopoldo, Anais do evento. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

THOMPSON G. (org.) *Evaluation in Text: authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

_____; WHITE, P. R. R. *The Language of Evaluation: Appraisal in English*. Londres: Palgrave. 2005.

PALTRIDGE, B. *Genre and the language learning classroom*. Michigan: The University of Michigan Press, 2004.

PORTA, M. A. G. *A Filosofia a partir de seus problemas*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

QUINN, N. *The cultural basis of metaphor*. In: FERNÁNDEZ, J. Beyond Metaphor. *The Theory of Tropes in Anthropology*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1991: 56-93.

SEMINO, E. A sturdy baby or a derailing train? Metaphorical representations of the Euro in British and Italian newspapers. *Text* 33.1, 2002, p. 107-139.

SWALES, J. M.; FEAK, C. *Academic writing for graduate students*. Michigan: The University of Michigan Press, 1994.

NUNES, Camila Matos Venesiano. A representação do tema "Amazônia, patrimônio da humanidade" em um editorial de jornal: uma abordagem sistêmico-funcional. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 67-97, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

VESTERGAARD, S. *A linguagem da propaganda*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VICO, G. *The New Science of Giambattista Vico*. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1948.

WEINRICH, H. 'Münze und Wort. Untersuchungen an einem Bildfeld [Coin and Word. Studies Upon an Image Field]'. In: H. Lausberg and H. Weinrich (eds) *Romanica. Festschrift für Gerhard Rohlfs*. Halle: Niemeyer, 1958, p.508-521.

WHITE, P. R. R. Beyond modality and hedging: a dialogic view of language of intersubjective stance. *Text*, 23.3: 259-284, 2003.

ANEXO

Abaixar o fogo: Bravatas de Bolsonaro só agravam a crise gerada pela elevação de desmatamento

(Folha de S. Paulo, 24.ago.2019)

Com a crise do desmatamento na Amazônia a ultrapassar as fronteiras do país, a política externa do governo Jair Bolsonaro (PSL) passará por seu primeiro grande teste. Até aqui, o presidente apenas acrescentou dificuldades desnecessárias a um problema real.

A sucessão de atos e declarações irresponsáveis do mandatário proporcionou material farto para que o Brasil seja mais uma vez exposto como vilão do ambiente —antes mesmo de haver dados e diagnósticos mais precisos a respeito da ampliação de queimadas e outras modalidades de devastação.

A sucessão de atos e declarações irresponsáveis do mandatário proporcionou material farto para que o Brasil seja mais uma vez exposto como vilão do ambiente —antes mesmo de haver dados e diagnósticos mais precisos a respeito da ampliação de queimadas e outras modalidades de devastação.

Esta, de fato, dá motivos palpáveis para o alarme. O governo esvazia órgãos de controle e impreca contra práticas que reduziram o rombo amazônico de 25 mil km² desmatados em 2004 para 7,9 mil km² no ano passado

O presidente vem de um meio, o militar, que preconiza a ocupação econômica da Amazônia como uma forma de evitar a ingerência estrangeira. Se pontualmente pode haver preocupações legítimas, o tom geral da teoria é paranoico.

Em tal cenário, o país se torna alvo não apenas de críticas bem fundamentadas —e elas são muitas— mas também de manobras oportunistas que se valem de um tanto de histeria e desinformação.

NUNES, Camila Matos Venesiano. A representação do tema "Amazônia, patrimônio da humanidade" em um editorial de jornal: uma abordagem sistêmico-funcional. Revista Intercâmbio, v.XLVII: 67-97, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

O presidente francês, Emmanuel Macron, por exemplo, não desperdiçou a chance de usar as queimadas amazônicas na tentativa de ocupar o vácuo de lideranças na Europa —com direito a seu quinhão de tolices, como chamar a floresta de pulmão do mundo.

O fez trazendo a discussão para o fórum do G7, que reúne neste sábado (24) os líderes das maiores economias globais. É incerto, porém, se sua intenção terá guarida dos EUA de Donald Trump, dadas as afinidades entre o republicano e o presidente brasileiro.

O estrago de imagem está feito, de todo modo, e pode ter repercussões comerciais importantes. Franceses e irlandeses já ameaçam o acordo Mercosul-União Europeia, que precisa ser aprovado por todos os países envolvidos.

Há um extenso rol de providências a serem tomadas para estancar a crise, e o ajuste de tom de Bolsonaro deveria ser a mais imediata delas. Ele adotou maior sobriedade, felizmente, em seu pronunciamento em cadeia de rádio e TV nesta sexta-feira (23), trocando o confronto pela defesa da preservação.

Restará, claro, adotar as medidas necessárias para ao menos indicar a intenção de reverter os números negativos. Bravatas nacionalistas não ganharão o jogo desta vez.

editoriais@grupofolha.com.br